



NOITE SEM HOMEM

Direção, fotografia e montagem
Renato Neumann

Roteiro
Roberto Kahané
Renato Neumann

Cenografia
Iva Pereira da Silva

Elenco
Ítalo Rossi
Ítala Nandi
Otávio Augusto
Zanoni Ferrite
Zélia Zamyra
Rodolfo Arena
Simão Khoury

35 mm, Cor
1976

A PERVERSÃO DO PRAZER

Cinema: filme sem inocência. O desejo do realizador não está no limbo das puras e honestas intenções estéticas e culturais. Mas misturado às impurezas da produção e do consumo. Um filme: a continuação ou ruptura de um gênero, a inauguração de um movimento ou tendência, a tomada de uma posição ou a recusa dela, conformismo ou vontade de mudar, malícia ou ingenuidade. Um filme: um produto, uma mercadoria, uma biografia.

Um filme: *Noite sem Homem*, de Renato Neumann. Um gênero: o espetáculo pornográfico. Pornochanchada, pornodrama, chic-chanchada. O erotismo espetacular. O espetáculo do corpo. O sexo como mercadoria. O desejo na tela: ritual. Todo um imaginário sexual codificado e intensamente explorado comercialmente. Um código que tende a se reproduzir de filme para filme.

O apelo está no cartaz, nas fotos de propaganda. Oferece-se a satisfação do desejo. Voyeurismo: a satisfação entra pelos olhos. A sala escura é o lugar privilegiado deste erotismo anônimo e solitário. O espectador é o voyeur em segurança. O cinema é o lugar de sua perversão. O desvio da moral sexual pode ser satisfeito.

Mas o Poder está atento. As instituições policiais, firmemente atuantes. O prazer, seja ele desviante ou não, está sempre sendo canalizado para uma atividade produtiva e o desejo desviado para a sua sublimação.

A Censura é a instância de atuação do Poder. Através dela, pode ele efetuar a perversão do prazer. A Censura não mata o prazer, ela o transforma em valor, inflacionando-o, inclusive. Ganha assim o prazer o estatuto de uma mercadoria. No entanto, para se legitimar, a Censura precisa alicerçar-se numa moral que ela, hipocritamente, se arvorará em defensora. Em aparência, portanto, a Censura não é a perversora mas a defensora da moral e dos bons costumes, papel (ou melhor, máscara) que ela usa para se legitimar.

Este prazer transformado em mercadoria altamente valorizada será explorado pelo espetáculo pornográfico. A pornochanchada, mas não só ela, será o lugar da representação ao nível simbólico desta perversão. É interessante assinalar a relação existente entre valor e prazer, presente em alguns títulos de pornochanchadas: *Eu dou o que elas gostam* e *Cada um dá o que tem*. O prazer se oferece gratuito.

Ele está livre no seu próprio fluxo. No que se poderia chamar "seu estado natural". A identificação é imediata: o imaginário sexual do espectador é logo atingido. Ele passa a ver o filme como o lugar de realimentação da sua libido, explorada no cotidiano. Tudo, no entanto, não passa de um engodo. Sob a capa de um liberalismo exarcebado, se esconde a face da Moral (primeira máscara da Censura). A miséria sexual não é aliviada, mas afirmada.

Em 1976, um filme se propôs a discutir tudo isso. A mexer nas peças deste jogo. O filme, *Noite sem Homem*, foi totalmente vetado pela Censura. A Lei o castigara: ousara tocar no tabu. Numa tentativa de acordo (obrigada, naturalmente, pela necessidade dos produtores de não perderem o investimento), o filme foi retalhado e remontado. Mas não houve perdão e *Noite sem Homem* ficou quatro anos nas prateleiras da Censura.

Agora, passados quatro anos, o filme chega às telas com apenas 45 minutos de projeção, o que faz dele um dos mais curtos longa-metragens. Numa apreciação imediata, a idéia que se tem de *Noite sem Homem* é a de um filme castrado. Sua narrativa se dá por arrancos, principalmente na parte final, onde ele desenvolve mais profundamente seu tema central. A estó-

A narrativa segue uma estrutura fragmentária: as situações se sucedem independentemente do desenrolar do dia em que a ação se passa. As primeiras cenas são blocos fechados: nos quais se contextualiza o bordel: Uma galeria de tipos de tantos outros bordéis imaginários é novamente percorrida. Não falta o velho frequentador (Rodolfo Arena). Não falta o delegado, aqui chamado Benvindo (Otávio Augusto), que, pela sua posição de poder, exige tratamento especial da casa. É bajulado por Salô e temido pelas mulheres, que ele obriga a ficarem nuas e escolhe duas dentre elas para participarem da orgia com ele. O delegado é a primeira encarnação do poder a aparecer no filme. Ele é a sua máscara mais evidente: o delegado é o representante da Lei. É o poder que ele representa que determina a ilegalidade e, portanto, isso lhe dá o direito de ficar acima dela.

Salô, que, primeiramente, é mostrado como um opositor do delegado, no desenrolar da cena estabelece uma relação de identidade com ele. Ao ficar a sós com as mulheres, o delegado confia seu casaco a Salô. Este ficará na escada excitando-se com os gritos de Benvindo, enquanto experimenta em si o casaco. O casaco é o elemento que estabelece esta relação de identidade. No fundo, o bordel de Salô é consequência do Poder de Benvindo. O contrato entre os dois se explicita nas caixas de uísque que Salô oferece ao delegado na saída. Mas, com a notícia de que Benvindo fora transferido, o pacto se rompe.

O verdadeiro opositor de Salô não é Benvindo e sim as mulheres que ele explora. A mulher como mercadoria: a prostituta. Para Salô, ela não passa disso mesmo. E, se todas as outras mercadorias estão aumentando, por que não aumentar também a mulher? Mas o aumento não se deve apenas a esta razão. Salô considera sua casa de beira de estrada como um local de status e não admite ser nivelada à sua rival, Maria Navalha, que passara a cobrar o mesmo que ele. Por isso, aumenta o preço dos servi-

ços. Apesar dos protestos das mulheres que passam a uma situação insustentável, pois os clientes, já escassos, iriam simplesmente desaparecer com este novo aumento, ele permanece irreduzível.

As mulheres não sabem como reagir. Surge uma líder, Tatuzinho (Zélia Zamyr), que propõe a greve. Ela será um dos alicerces do questionamento que o filme pretende colocar.

A outra vertente é representada por Brigitte (Ítala Nandi). Ela volta ao bordel depois de ter tentado se amigar com um rico fazendeiro. Volta em nome de sua dignidade. O fazendeiro não conseguia esquecer a origem da mulher. Mais, invejava o bordel. Não conseguia chamar a mulher de Maria do Carmo, o nome verdadeiro. Na verdade, desejava Brigitte. No entanto, ela pretendia levar uma vida direita. E em nome dessa lógica é que Maria do Carmo volta a ser Brigitte e regressa ao bordel. Tudo isto é confidenciado a Tatuzinho que, por sua vez, pede a adesão da amiga ao movimento grevista.

Amor com amor se paga, mas de desejo e prazer nem sempre se pode falar em gratuidade. O desejo nem sempre encontra seu objeto. É Salô a se condoer no quarto pelo abandono do amante. É o fazendeiro (Zanoni Ferrite) que volta para retomar Brigitte.

O prazer procura sua sublimação. Salô apresenta um espetáculo de *strip-tease*, que ele considera como uma obra de arte. Mas não é isso que os frequentadores querem. E o que eles querem não se dá. A violência substitui, então, o prazer e o bordel é destruído.

Mas ele se reconstrói. Tatuzinho é quem sofre as consequências da greve. Salô a expulsa do bordel. A "classe" que ela tentara unir não é capaz de ajudá-la. No final, ela é um personagem em crise, a caminhar numa estrada, sem saber para onde vai. (Rencontramos aqui aquele final característico dos filmes do Cinema Novo, apontado por Jean-Claude Bernardet.)

Os que permanecem no bordel, a eles se integram. Brigitte, Salô e o fazendeiro participam numa dança orgiástica onde, como diz Brigitte, todos se divertem ou não. O bordel está bem montado.

Roberto Rocha

ria, nestes momentos, parece mal contada. E, se o prazer de uma narrativa está no seu desenrolar, *Noite sem Homem* é um filme que teve castrada a sua eroticidade. A Censura, como sempre, cortou no pior lugar.

Noite sem Homem conta a história duma greve de sexo dentro de um bordel. Ao localizar a ação no bordel (mundo fechado no qual a ação permanecerá restrita), Renato Neuman tem o espaço ideal para discutir e questionar o que aqui foi chamado o espetáculo pornográfico. O bordel é o lugar da obscenidade, onde moral vigente vira de cabeça para baixo e suas contradições podem ser mais facilmente detectadas. É por isso uma zona ilegal.

No seu procedimento, o filme retoma o código visual e os personagens estereotipados do espetáculo pornográfico, com seu linguajar grosseiro, "realista". Temos o homossexual, o machão, a prostituta. Este naturalismo bordeia frequentemente a sátira de costumes. Mas estes clichês são reavaliados numa postura crítica.

Na cena inicial, no quarto do homossexual proprietário do bordel, Salô (Ítalo Rossi), a câmara passeia languidamente pelo ambiente. Sapatos e roupas espalhados pelo chão indicam um ambiente feminino. A presença do homossexual travestido (que é primeiramente tomado por mulher) rompe toda uma expectativa e coloca a cena no domínio da sátira. Mas, por enquanto, não se pode falar de uma crítica.